



A Ponte nº8: o desafio da complexidade na elaboração de revista sobre o tempo¹

Caio CASTELO²

Geísa MATTOS³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

O artigo descreve e analisa o processo de produção e edição do oitavo número da revista **A Ponte**, elaborada por estudantes do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), sob a orientação dos professores da disciplina Jornalismo Impresso II. A edição adotou “o tempo” como tema, e os estudantes dedicaram-se a pesquisas para a elaboração de reportagens sobre as diferentes possibilidades subjetivas e culturais de vivenciá-lo. Os professores utilizaram textos de sociólogos, historiadores, antropólogos e artistas que refletem sobre o tempo como categoria social, como forma de estimular nos alunos o desejo de produzir um “pensamento complexo”. Pesquisas em linguagem artística também objetivaram produzir significados diferentes do senso comum sobre o “tempo”, por meio da produção das fotografias e do *design* das páginas.

PALAVRAS-CHAVE: revista; tempo; arte; pensamento complexo; design

INTRODUÇÃO

A excessiva simplificação e a superficialidade com a qual grande parte dos meios de comunicação trata assuntos complexos no Brasil tem provocado incômodos e reflexões nos cursos de jornalismo. Como consequência, tem-se despertado para a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem a inteligência geral dos estudantes, isto é, a compreensão que, como propõe Morin (2003, pp.35-46) reconstitua o contexto, o global (relação todo/partes), o multidimensional e o complexo.

“Para conhecer”, ensina Morin (2000, p. 19), “não podemos isolar uma palavra, uma informação; é necessário ligá-la a um contexto e mobilizar o nosso saber, a nossa cultura, para chegar a um conhecimento apropriado e oportuno da mesma.” Morin (op.cit.) critica da educação que fragmenta os conhecimentos em disciplinas estanques. Como ele, acreditamos na importância do pensamento complexo, aquele “que busca distinguir (mas não separar) e ligar”. “*Complexus* significa originariamente aquilo que se tece junto.” (Morin, 2000, p. 31)

¹ Trabalho submetido ao XV Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade B1.1 processo Impresso, como representante da Região Nordeste.

² Aluno líder do grupo e responsável pela produção gráfica e redação da revista A Ponte, estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFOR, email: caio_benevides_1@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Graduada em Comunicação Social, com Mestrado e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Curso de Jornalismo da UNIFOR, email: geisamattos@bol.com.br



2 OBJETIVO

Com o objetivo de instigar os alunos a elaborar reportagens capazes de dar conta da complexidade do mundo social, os professores Geísa Mattos e Antônio Simões, responsáveis pela coordenação de produção da revista **A Ponte**, do Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), propuseram às três turmas da disciplina Jornalismo Impresso II (55 estudantes), no semestre 2007.1, adotar o tema “tempo” como eixo orientador da produção da publicação de sua oitava edição.

Uma vez que o desafio foi aceito pelos alunos, as pautas foram elaboradas tendo em vista reflexões sobre aspectos subjetivos, culturais, históricos, sociológicos e físicos da vivência do tempo, que permitissem mostrar a relatividade do tema, contrapondo-o ao sentido aparentemente simples e “objetivo”, referido, no senso comum, aos relógios e calendários.

3 JUSTIFICATIVA

A proposta de orientação teórico-metodológica da revista **A Ponte** nº 8 se ancorou, portanto, na perspectiva de Edgar Morin (2003) acerca da “necessidade do pensamento complexo”. Segundo o autor:

“A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso da inteligência total. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular, ou, caso esteja adormecida, de despertar.”(MORIN, 2003, p. 39)

Ao se referir ao “uso da inteligência total” e ao “livre exercício da curiosidade”, Morin (op.cit.) inspirou os professores, durante a produção da revista, a adotar uma espécie de “chave de leitura”, elaborada a partir da perspectiva da Antropologia Cultural e Social. Esta chave foi o *estranhamento* feito à maneira dos antropólogos, isto é, o questionamento radical de tudo o que existe socialmente, percebendo que todas as formas de pensamento e as categorias com as quais organizamos o nosso mundo foram construídas culturalmente e historicamente. No caso da categoria “tempo”, as questões eram: como e por que se compreende a passagem do tempo de uma ou de outra forma?

Inicialmente, os professores procuraram conquistar a sensibilidade e o interesse dos alunos para a temática por meio da música, da literatura e do cinema. A música “Oração ao Tempo”, de Caetano Veloso, foi o primeiro instrumento de sensibilização



utilizado para estimular a discussão sobre os sentidos que assume a passagem do tempo. A discussão prosseguiu com a leitura dos contos de Caio Fernando Abreu – “Sem Ana, Blues”, “Pêra, Uva, Maçã” e “O Rapaz Mais Triste do Mundo” – nas quais o “tempo” era elemento fundamental a ser questionado através dos personagens e situações. As provocações do escritor tiveram efeito nas produções dos alunos, como se pode ver na crônica de Humberto Torres intitulada “Quando a morte é bela”, publicada na página 80 da edição da revista, e na reportagem “Reinvenções temporais”, de Bruno Anderson e Rosanni Guerra. A aluna Rosanni também elaborou uma poesia, publicada na revista, sobre a passagem do tempo.

O cinema possibilitou outras reflexões interessantes sobre as vivências do tempo. A aluna Renata Gauche entrevistou Ruy Vasconcelos, produtor e diretor de um documentário que aborda diferentes “tempos” que se cruzam em um pequeno lugar “de passagem” chamado Aprazível, no interior do Ceará.

Os alunos foram orientados no sentido de evitar entrevistas apressadas. Os professores sugeriram que eles mantivessem uma presença atenta e prolongada nas situações que pretendiam descrever. No caso da reportagem de Renata Gauche (citada acima), a apuração cuidadosa possibilitou a elaboração de um texto mais literário e descritivo, como é visto no parágrafo que antecede sua entrevista com o cineasta Ruy Vasconcelos:

“Alguns livros recostados na parede da garagem, uma rede armada ao lado. Uma mesa de plástico com um copo de cerveja em cima – no canto da mesa, seu habitual maço de cigarros. Em contraste com os prédios modernos e o trânsito urbano do centro do bairro Aldeota, Ruy atualmente mora junto com seus pais numa casa construída nos anos 1970 – e desta forma aconchegante, ele constrói com suas palavras pensamentos profundos quanto à sua história pessoal e o conhecimento adquirido durante seus 44 anos de experiências – com um falar calmo, quase que didático.” (GAUCHE, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 28).

O conceito deste tipo de apuração é baseado na literatura sociológica sobre observação participante, já que no Jornalismo são ainda raros os autores que se dedicaram a refletir sobre o efeito da urgência temporal na apuração jornalística. Uma pesquisa interessante sobre a questão foi feita por Schelesinger (1993). Ele demonstra que os jornalistas são membros de uma cultura altamente cronometrizada. Resultado: a notícia é efêmera, transitória e altamente deteriorável. Estudando as rotinas jornalísticas da BBC de Londres, o autor conclui que “o sistema de ciclos noticiosos ao longo do dia



tende para a abolição da consciência histórica, criando uma série perpétua de primeiros planos, à custa do aprofundamento e do *background*” (Schelesinger, op. cit., p. 189).

Outros alunos se inspiraram nas reflexões do sociólogo e historiador Norbert Elias (1998) para pesquisar o sentido do tempo na contemporaneidade. Elias mostra que o tempo parece ter uma existência objetiva, externa a nós, mas na verdade é resultado de um longo aprendizado humano. O tempo é social e cultural, embora tenha relações com aspectos físicos, biológicos e naturais.

As estudantes Marjorie Castro e Regina Paz, no texto que abre a revista, intitulado “O Deus Tempo”, mostram os resultados de sua pesquisa sobre o mito do Deus grego Chronos, que devorava seus filhos ao mesmo tempo em que os gerava. As autoras concluem: “Em uma sociedade capitalista como a de hoje, em que o trabalho e acúmulo de capital tornaram-se prioridades, nos sentimos devorados com mais fúria do que nunca por esse deus chamado tempo.” (CASTRO e PAZ, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p.3).

Na reportagem “Contagem Regressiva”, as alunas Ivna Girão e Niara Rocha exploram a passagem do tempo para aqueles que estão atrás das grades. Visitando um presídio masculino, elas mostram que, para aqueles homens, “o tempo passa lá fora”. Esta percepção fez com que as repórteres refletissem sobre os processos de punição na nossa sociedade, como escreve Ivna em artigo no final da revista:

“Que tempo é esse que perco para um dia ser livre? É o tempo do tédio, do sofrer, da depressão e da violência que pune e sufoca. É nesse momento de crise instaurada, de presídios superlotados e de desejo de vingança de muitos que são a favor da redução da maioria penal para 16 anos, que proponho uma reflexão sobre o tempo, não da vida, mas da pena, da punição. É necessário ressocializar esse detento, dar oportunidades, perspectivas, oferecer profissionalização e emprego para que possam ter mais dignidade e auto-estima.” (GIRÃO, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 84)

Uma reflexão como esta mostra que os alunos foram além dos “fatos” para oferecerem interpretações e análises. O alcance de tal nível de elaboração só é possível quando se usa a inteligência associada à sensibilidade para questionar o modo como o mundo social se estrutura.

Outra bem elaborada crítica ao mundo contemporâneo apareceu inspirada nas leituras sobre memória social de Ecléa Bosi (2003). Estas serviram de mote para a produção da pesquisa e reportagem de Camila Garcia e Marcelo Andrade sobre o patrimônio arquitetônico de Fortaleza. “Arquitetura, memória e ‘tempos’ compõem uma cidade cuja identificação cultural é marcada pela fragilidade e onde as referências

históricas são cada vez mais voláteis diante dos modismos da pós-modernidade” (GARCIA e ANDRADE, Revista A Ponte nº 8, nov. 2007, p. 40).

Bosi (op. cit.) elabora o conceito de “tempos vivos” descrevendo-os como “marcos no espaço onde os valores se adensam”. A pesquisa de Camila e Marcelo mostra que, em Fortaleza, muitos marcos que seriam os nossos “tempos vivos” se perderam. Os estudantes entrevistaram dois historiadores, uma psicóloga e um arquiteto representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Arquetônico (IPHAN) no Ceará. Foram feitas também pesquisas com imagens, apresentadas em contraponto antigo-novo, numa forma de provocar a reflexão e a crítica, como será analisado adiante,.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a construção dos significados no sentido de evidenciar a complexidade da categoria “tempo”, o desafio dos estudantes foi pensar as melhores linguagens para transmitir o conteúdo de suas matérias, indo além do campo textual e dando continuidade às suas histórias com a utilização de fotografias, ilustrações, layouts e outros recursos.

A integração destes elementos teve como finalidade formular um discurso articulado, onde cada um tinha seu significado e função definidos dentro da totalidade. Para atribuir corretamente tais significados através do recurso ideal, é importante saber que "todo discurso deve dizer algo e, de preferência, algo novo. Ou seja, deve informar e transformar a situação do outro (...) Essa capacidade de dizer a mesma coisa de modos diferentes é o que lhes confere dinâmica e criatividade e o que atrai o leitor." (FREIRE, 2007:37).

A edição temática gerou soluções gráficas e editoriais diferenciadas em aspectos diversos da revista. Um exemplo é a adaptação dos nomes das editorias. O reconhecimento da subjetividade e da dimensão poética no processo de produção jornalística aparece nos nomes adotados para agrupar as matérias: *Crenças*, *Deleites*, *Esquecimentos*, *Transições*, *Vivências* e *Mundos*.

Outra solução adotada, esta de caráter gráfico, diz respeito aos selos identificadores das editorias, localizados no canto superior direito de algumas das páginas ímpares. O selo, que era triangular nas edições anteriores, adquiriu semelhança icônica com uma ampulheta, símbolo que faz referência à passagem do tempo. Para realizar isso, passou-se a utilizar dois triângulos (um superior e outro inferior), que mudam de espessura conforme avançamos na revista. A idéia foi reproduzir o

movimento da areia na ampulheta, que cai da parte de cima para a de baixo à medida que o tempo passa.

A fotografia também teve um papel muito importante na construção de significados na revista. Em reportagem já citada sobre o presídio masculino (ver páginas 33 a 39 da revista), as fotos da estudante de Jornalismo Patrícia Araújo acompanham o caminho percorrido por alguém que acaba de ser preso até o cárcere. A legenda de cada imagem evidencia esse caminho: “Na delegacia: o início de uma longa espera”, “À espera da sentença” e “À espera da liberdade”. Jorge Pedro Sousa (2001) ressalta a importância da interação fotografia-legenda para que o significado jornalístico seja satisfatório. "O texto é um elemento imprescindível da mensagem fotojornalística. Embora fotografia e texto não sejam estruturas homogêneas (...), não existe fotojornalismo sem texto." (SOUSA, 2001:444).

Uma fotografia produzida pelo estudante e fotógrafo Raphael Villar abre a reportagem citada, ilustrando a angústia da espera pela liberdade com símbolos relacionados à passagem do tempo, como traços riscados na parede. O ar sombrio da imagem enfatiza a idéia de angústia.

Em outra matéria também já referida, “Fortaleza: Temporalidade e vivências urbanas”, Marcelo Andrade e Camila Garcia chamam atenção para a desvalorização dos elementos históricos que compunham a identidade da cidade e que hoje em dia são irreconhecíveis. Antigas fotografias de arquivo foram postas lado a lado com outras tiradas no mesmo local atualmente. Neste sentido, também pode ser observado na matéria algo que já foi notado por Sousa e é reiterado por Barnhurst no livro “*Seeing The Newspaper*”, quando explica que "as imagens, quando associadas a textos, tendem a facilitar a presentificação de informação após o seu consumo" (BARNHURST, 1994: 96). Na revista, as imagens serviram como uma extensão do que é dito no texto sobre o contraste entre as épocas, além de despertarem interesse devido ao seu caráter documental. Apresentam-se fotos do Palácio do Plácido em 1930 e em 2007, do antigo Mercado de Ferro em 1909 e em 2007 e do Seminário da Prainha em 1905 e em 2007.

Na reportagem “Profissões em extinção”, de Sofia Laprovitera e Tatiana Marques, a fotografia de Haroldo Sabóia na página 29 complementa o sentido do texto ao mostrar uma série de manequins enfileirados, sendo que somente o último ainda tem a cabeça. A foto, feita em um ateliê de um antigo alfaiate, contribui para que o leitor perceba, desde o primeiro olhar, a decadência da profissão.

Na seção Ensaio, o estudante e fotógrafo Laurêncio Lima produziu fotografias no Cemitério São João Batista e deu ao conjunto publicado o título “Guardiões da saúde”. Ele buscou valorizar detalhes deste cenário que nos leva a reflexões sobre o efêmero e o eterno, duas características aparentemente antagônicas que de alguma forma estão presentes no lugar.

Laurêncio Lima também é responsável pela fotografia que ilustra a seção Crônica, que traz “Quando a morte é bela”, de Humberto Torres. Nela, uma flor vermelha se destaca sobre a lápide de uma sepultura em meio a um cemitério cinzento. A imagem dá continuidade à mensagem transmitida pela crônica sobre os múltiplos significados da morte.

Na reportagem “Dos 15 minutos de fama ao sucesso”, Ilo Aguiar e Renata Jaguaribe entrevistam pessoas que tiveram seus poucos instantes de fama e que, depois, caíram no ostracismo. Aqui, o discurso do texto encontra sua continuidade visual no *design*, que fazendo claras referências à *Pop Art*, também traz a figura de Andy Warhol, precursor da corrente artística e autor da frase que inspirou a reportagem: “no futuro, todos terão seus quinze minutos de fama”.

Neste caso, partiu-se da premissa de que “um bom *design* é culturalmente dependente - o que funciona num contexto pode não funcionar noutro.” (LESTER, 1995, p.176). A estética da *Pop Art* foi captada por meio das fotos de Laurêncio Lima, que, tratadas por Caio Castelo, passaram a ter um visual semelhante às criações de Warhol, que utilizava a técnica de reprodução em *silk screen* para retratar personalidades como Marilyn Monroe, Elvis Presley e Mao Tsé-Tung. A diferença é que dessa vez as personagens tiveram fama ainda mais efêmera, como uma ex-famosa garota propaganda e um ex-baixista de banda de rock. Ao avaliar o processo de edição desta matéria, vemos que:

“O discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros enunciados que são comentados, parodiados, citados etc.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 55).

Portanto, ao mesmo tempo em que a reportagem cita a *Pop Art*, o *design* e a fotografia chegam a realizar uma paródia do movimento ao mostrar “quase famosos” da cena local da mesma maneira que Warhol representava personalidades celebrizadas em nível mundial.

Outra diagramação que vale ser mencionada é a da matéria “O personagem onipresente”, de Pery Negreiros. Apesar de o assunto ser sobre o tempo nas obras cinematográficas, não há qualquer referência visual ao cinema, a não ser uma pequena imagem do filme “Irreversível” na primeira página. O que se procurou fazer foi elaborar um *design* que fugisse do óbvio e fosse, ao mesmo tempo, informativo e econômico.

Desta forma, buscou-se evitar o senso comum e não encher a página com cenas de filmes, mas sim estender o significado do título para a diagramação, literalmente, ao pé da letra. A letra T presente no título ganhou maior tamanho e destaque, mas sem se dissociar da palavra “onipresente”, na qual estava contida. Ao virar a página, aparecem também as letras E, M, P e O distribuídas nas duas páginas seguintes e tão grandes e destacadas quanto a inicial. Assim o tempo fez-se onipresente não apenas nos filmes citados, como também nas três páginas da matéria.

Última parte a ser concluída, a capa deste oitavo número lidou com o mesmo dilema que o resto da revista: o de dar forma a um tema complexo como o tempo, sem cair na simplificação ou reducionismo, porém sendo atraente ao leitor. O Doutor em Comunicação Francisco Laerte Magalhães explica que

“As capas das revistas, como espaços de materialidades discursivas, são lugares em que se encenam e insinuam atos e fatos imagísticos, rituais de sedução, persuasão e informatividades, segundo pontos de vista, maneiras de perceber (e fazer ver/ ler) plástica e lingüisticamente o mundo.” (MAGALHÃES, 2003, p. 63).

Usualmente, **A Ponte** trabalha tais materialidades discursivas nas suas capas por meio da fotografia, dando maior destaque a uma determinada matéria. Desta vez, no entanto, decidiu-se por uma capa que gerasse uma diferença visual, insinuando ao leitor a proposta de algo novo, ao mesmo tempo buscando persuadi-lo a descobrir o que é.

Inicialmente foi proposto aos alunos que produzissem fotografias capazes de revelar a idéia da transitoriedade do tempo. Os alunos fotógrafos se engajaram na pesquisa de imagens capazes de dar conta do conceito. Produziram então fotos do movimento das ondas do mar e da seqüência de uma bexiga sendo soprada por uma jovem na praia. Nenhuma das imagens, porém, foi considerada adequada para refletir a complexidade que se queria alcançar. Depois de muitas discussões, das quais a equipe de alunos mais diretamente envolvida participou ativamente, a solução finalmente adotada foi uma ilustração sobre o tema. Exclusivamente composta por tipos e elaborada pelo estudante Caio Castelo, a capa traz quatro chamadas e uma manchete principal, que se mistura ao conteúdo da ilustração e que diz simplesmente “Tempo”.



Os tipos que compõem a imagem são as letras T, E, M, P e O. Vemos nela quatro letras T maiores e mais escuras que as demais, que por sua vez se agrupam no topo delas e na parte inferior da capa, algumas como se estivessem caindo (modo como a manchete principal é apresentada). Devido à semelhança do T da fonte utilizada com o caule de uma árvore, sobretudo com as outras letras menores agrupadas acima dela como folhas e formando algo que lembra uma copa, não é difícil associar a imagem a uma paisagem. As letras amontoadas abaixo são como folhas caídas. Se somarmos isso às cores utilizadas, constatamos a construção de uma atmosfera que remete ao outono.

As referências ao tempo contidas na ilustração procuram não tratá-lo simplesmente como algo linear: as folhas caídas, caindo e as que ainda formam a copa das árvores expressam não apenas passado, presente e futuro, como também seu aspecto cíclico e efêmero, na referência a uma estação do ano, o outono, no caso. Mas a mensagem captada imediatamente – devido às cinco letras espalhadas pela página, formando uma paisagem que faz parte do nosso mundo inteligível – é a de que o tempo tem uma dimensão processual.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A revista **A Ponte** nº. 8 resultou numa publicação de 84 páginas, com 16 reportagens ilustradas com fotografias e recursos gráficos, distribuídas em oito editorias, além das seções Ensaio, Crônica, Artes e Opinião. A edição é o produto de um esforço pedagógico que visou o tratamento complexo do mundo social. Nas pesquisas realizadas sobre as vivências do tempo na contemporaneidade, tema desta revista, os alunos utilizaram a fotografia artística e a pesquisa em arte e *design* como expressões de linguagem para refletir significados, adequando-os à complexidade da temática e aos vários pontos de vista possibilitados pelas pautas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da edição, os signos se reforçaram, instigaram a questionamentos ou complementaram o sentido dos textos. A preparação dos alunos procurou proporcionar “chaves de leitura” inspiradas na sociologia, antropologia e história para o questionamento do mundo social, incentivando-os a ir além dos estereótipos e simplificações com que o jornalismo em geral trata pessoas e situações.



Neste sentido, a pesquisa foi fundamental para alimentar o desejo de ampliação dos horizontes de compreensão do mundo. Constatamos também que a *arte* – tanto como forma sensibilização em sala de aula, quanto por meio da pesquisa de linguagens e combinações possíveis – foi a principal fonte de inspiração desta revista sobre o tempo. Em busca da complexidade procuramos “tecer junto” pesquisa social, sensibilidade e experiência artística.

REFERÊNCIAS

- BARNHURST, Kevin G. **Seeing the Newspaper**. New York: St. Martin's Press, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- CASTRO, Marjorie e PAZ, Regina. “O Deus Tempo”. **Revista A Ponte nº 8**, nov. 2007, p.3.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREIRE, Eduardo Nunes. **A influência do design de notícias na evolução do discurso jornalístico**. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Salvador, UFBA, 2007
- GARCIA, Camila e ANDRADE, Marcelo. “Fortaleza: Temporalidade e Vivências Urbanas”. **Revista A Ponte nº 8**, nov. 2007, p. 40
- GAUCHE, Renata. “Um Tempo Aprazível”. **Revista A Ponte nº 8**, nov. 2007, p. 28.
- GIRÃO, Ivna. “O Tempo da Punição”. **Revista A Ponte nº 8**, nov. 2007, p. 84
- LESTER, Paul Martin. **Visual Communication: Images With Messages**. New York: Wadsworth Publishing Company, 1995.
- MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. **Veja, Istoé, Leia: produção e disputas de sentido na mídia**. Teresina: Edufpi, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. “Da necessidade de um pensamento complexo”. In: MARTIN, J. E DA SILVA, J. M. **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.
- SCHLESINGER, Philip. “Os jornalistas e sua máquina do tempo” In: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1993.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001